

NAS FÍMBRIAS DO FEMINISMO: AS ESTRATÉGIAS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA NOS MANUAIS DE CIÊNCIAS DOMÉSTICAS (1896-1906).

Deivid Aparecido Costruba

Mestre – UNESP – Assis

Visando abranger a proposta do seminário temático, isto é, discutir e avaliar as contribuições dos estudos e teorias feministas para a produção do conhecimento histórico no Brasil, esta apresentação tem por objetivo mostrar as estratégias feministas de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) em seus dois manuais, *Livro das Noivas* (1896) e *Livro das Donas e Donzelas* (1906). Ao entendermos que a literata fora uma mulher branca, letrada e dos segmentos médios e altos do Rio de Janeiro de seu tempo, utilizou sua posição de escritora conhecida nacional e internacionalmente para reivindicar o direito das mulheres. Neste sentido, a presente comunicação visará revisitar o trabalho de Leonora de Luca intitulado *O “feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)*.

Ao considerar este solo comum, após completar os estudos que me concedeu o título de Mestre em História¹, achei oportuno revisitar o texto de Eleonora de Luca ao entender que este possibilitou, apesar de abordar de maneira mais ampla a obra da literata, pistas para que se refletisse sobre as estratégias feministas de Júlia Lopes de Almeida.

Para o leitor que não conhece o universo juliano, a partir daqui, apresentar-se-á um pequeno relato da vida e obra da escritora oitocentista.

A escritora Júlia Valentina da Silveira Lopes² nasceu no dia vinte e quatro de setembro de 1862 no casarão da Rua do Lavradio nº53, no Rio de Janeiro. Filha de

¹ O objetivo da dissertação de mestrado foi analisar os referidos manuais de Júlia Lopes de Almeida os quais foram, *Livro das Noivas* (1896) e *Livro das Donas e Donzelas* (1906).

² Os registros biográficos, bem como as informações sobre a obra de Júlia Lopes de Almeida foram extraídas de: DE LUCA, Leonora. *Amazonas do pensamento: a gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp/IFCH, 2004 e. *“A Mensageira”*: Uma Revista de Mulheres Escritoras na modernização Brasileira. Campinas, SP: [s.n.], 1999. Vol.2; COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711 – 2001)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002 e *Panorama da Literatura Infantil/Juvenil: Das Origens Indo – Européias ao Brasil Contemporâneo*. 4ªed. São Paulo: Editora Ática, 1991; BRASIL, Érico Vital & SCHUMAHER, Schuma (org.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade* biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000; COUTINHO. Afrânio, SOUZA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1989; RIO, João do. Um lar de artista.

Antônia Adelina Pereira, natural de Lisboa e do médico português Valentim Lopes. Primeiramente a família mudou-se para Nova Friburgo, na qual com poucos anos de idade Júlia aprendeu a ler e escrever com a mãe. Após a estada em Nova Friburgo, a família mudou-se para a cidade de Campinas em 1869. Desde menina, Júlia demonstrou forte inclinação para as letras, embora em seu tempo, não fosse de bom tom e do agrado dos pais uma mulher dedicar-se à literatura. Quando pequena, foi delatada por sua irmã ao seu pai porque fazia versos: ”- Papá, a Júlia faz versos! [Ao que Júlia confessa]: (...) tinha uma grande vontade de chorar, de dizer que nunca mais faria essas coisas feias”. (RIO, 1994, pp. 28-37)

A sua condição feminina a impedia de escrever, pois a pressão e coerção social a amedrontavam. Nas palavras de Júlia:

Pois eu em moça fazia versos. Ah! Não imagina com que encanto. Era como um prazer proibido! Sentia ao mesmo tempo a delícia de os compor e o medo de que acabassem por descobri-los. Fechava-me no quarto, bem fechada, abria a secretária, estendia pela alvura de papel uma porção de rimas (...) De repente, um susto. Alguém batia a porta. E eu, com a voz embargada, dando voltas à chave da secretária: Já vai! Já vai! (RIO, 1994, p. 29).

Na mesma Campinas, Júlia iniciou sua carreira literária no jornal *A Gazeta de Campinas* em sete de dezembro de 1881. Cabe destacar que a citação acima faz parte da resposta dada por Júlia Lopes sobre sua infância e educação a João do Rio³ em um inquérito no qual o cronista entrevistou grande parte da intelectualidade da época, momento em que esses literatos responderam sobre literatura, jornalismo e profissionalização do homem de letras.

A escritora colaborou ainda em jornais e revistas femininas e na revista *A Semana*, editada no Rio de Janeiro e dirigida por Valentim de Magalhães e Filinto de

IN:____. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Dep. Nacional do Livro, 1994. (p. 28-37); MOREIRA, Nadilza M. B. *A condição feminina em Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. (Tese de doutorado). São José do Rio Preto: Unesp/Ibilce, 1998; bem como conversas por email com Nadilza Moreira, pesquisadora que terminou seu pós-doutorado sobre Júlia Lopes de Almeida. Além disso, procurou retirar informações da vida de Júlia em sua volumosa produção literária.

³ Intelectual importante na virada do século XIX para o XX, João do Rio, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, publicou inúmeras obras como o referido inquérito (VER RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Depto. Nacional do Livro, 1994), além de outras obras que as glórias e as misérias do Brasil republicano em plena Belle Époque (VER RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997).

Almeida⁴, jovem escritor português. Desta relação nasceu um romance entre Júlia e Filinto. Após o casamento dos dois, em 28 de novembro de 1887 na cidade de Portugal, o casal voltou para a cidade de Campinas e anos depois mudaram para o Rio de Janeiro.

A estreia da escritora na vida literária foi com a produção *Contos Infantis* (1886). Uma obra de sessenta narrativas em verso e prosa, escritas em colaboração com sua irmã, Adelina A. Lopes Vieira e destinadas à diversão e instrução da infância. Com o sucesso imediato, publicou também outras obras dentro da linha nacionalizante e didática. São exemplos *Histórias de Nossa Terra* (1907), *Era uma vez* (1917) e *Jardim Florido* (s/d).

Júlia teve apoio do marido e incentivo para seguir na carreira literária. Em 1891, iniciou como romancista em *A Família Medeiros* (publicado em folhetins na *Gazeta de Notícias* – RJ e livro em 1919). Seguiu-se vários outros títulos: *A Viúva Simões* (1897); *Memórias de Marta* (1899), *A Falência* (1901), alternadas com peças de teatro que eram representadas, em geral por grupos amadores em saraus sociais. “Com seu novo livro *A Falência*, a sra. D. Júlia Lopes de Almeida toma decididamente lugar ... entre os nossos romancistas.” (VERÍSSIMO, 1910, pp. 141-151). Atenta à condição da mulher na sociedade, em 1906, publicou o *Livro das donas e donzelas*.

Um de seus livros de maior repercussão foi *Correio da Roça* (1913). Com uma linguagem simples em forma epistolar, fez apologia da vida no campo em contraposição à vida fútil da cidade. Tudo isto, porque no início do século XX, as mudanças da *Belle*

⁴ Francisco Filinto de Almeida nasceu na cidade do Porto, em Portugal, no dia 4 de Dezembro de 1857. Desembarcou a 15 de janeiro de 1868 na cidade do Rio Grande, quando tinha dez anos de idade e de lá transferiu-se para o Rio de Janeiro, e aportou na cidade em 17 de abril do mesmo ano. Empregou-se como caixeirinho em uma papelaria. Estreou como literato aos 19 anos, ao escrever o entre ato cômico *Um idioma*, que foi representado em 16 de julho de 1876 no Teatro Vaudeville. É provável que antes houvesse colaborado em jornais e revistas. Em 1887, publicou *Os mosquitos*, monólogo cômico em versos e *Lírica*, composições de 1810 a 1887. Fundou com Valentim de Magalhães o jornal literário *A Semana*, em que escreveu, de 1886 a 1887, crônicas hebdomadárias, com o pseudônimo de Filindal. Redator de *O Estado de S. Paulo*, de 1889 a 1895. Deputado à Assembléia Legislativa de S. Paulo, de 1892 a 1897. Escreveu, em colaboração com a esposa em folhetins no *Jornal do Comércio*, o romance *A Casa Verde*. Foi considerado brasileiro em virtude da lei da grande naturalização. Esta referiu-se ao procedimento adotado pela Constituição de 1891 (a primeira Constituição da República) que, em seu artigo 64, § 4º estabelecia que seriam considerados "cidadãos brasileiros os estrangeiros que, achando-se no Brasil aos 15 de novembro de 1889, não declararem, dentro de seis meses depois de entrar em vigor a Constituição, o animo de conservar a nacionalidade de origem". O marido de Júlia Lopes de Almeida foi ainda um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, e ocupou a cadeira de nº3, cujo patrono foi Artur de Oliveira, de quem fora amigo. Filinto morreu em 28 de janeiro de 1945 de insidiosa moléstia na então Capital Federal – RJ.

Epoque fazem com que trabalhadores deixem o campo (êxodo rural) para ir para a cidade, preocupando as autoridades.

Júlia Lopes de Almeida deixou uma obra vasta e extensa que analisou a vida cultural, social e política de sua época. Enfrentou críticas que possibilitaram a ela uma melhor formação intelectual. Alguns desses críticos formavam uma tríade: José Veríssimo, Araripe Júnior e Sílvio Romero. O primeiro sempre elogiava os trabalhos de Júlia:

Depois da morte de Taunay, de Machado de Assis e de Aluísio de Azevedo, o romance no Brasil conta apenas dois autores de obra considerável e de nomeada – D. Júlia Lopes de Almeida e o Sr. Coelho Neto, eu, como romancista, lhe (sic) prefiro de muito D. Júlia Lopes. (VERÍSSIMO, 1919, pp. 217-220)

Os dois últimos a ignoravam completamente como atestavam seus respectivos estudos críticos literários sobre a literatura brasileira. Agripino Grieco, crítico literário posterior, considerou a escritora como de menor porte, ao ressaltar que suas obras eram “(...) epopeias domésticas que foram nossa Bibliothéque Rosé”. (GRIECO, 1947, pp. 129-146)

Júlia faleceu em 30 de maio de 1934, de malária, adquirida em viagem à África ao visitar uma das filhas, Lúcia Lopes de Almeida Noronha. Morreu aos setenta e dois anos quando escreveu seu último romance *Pássaro Tonto* (1934). Mesmo depois de sua morte Júlia foi reconhecida pelos seus pares, que lhe trataram carinhosamente como “D. Júlia”. Segundo Lúcia Miguel Pereira:

Júlia Lopes de Almeida, na verdade, é a maior figura entre as mulheres escritoras de sua época, não só pela extensão da obra, pela continuidade do esforço, pela longa vida literária de mais de quarenta anos, como pelo êxito que conseguiu com os críticos e com o público; todos os seus livros foram elogiados e reeditados, vários traduzidos (PEREIRA, 1957, pp. 255-271).

Após a incursão na biografia intelectual de Júlia Lopes, pode-se analisar como a mulher/escritora conseguiu adentrar nesta seara estritamente masculina. Júlia, com aproximadamente cinquenta e cinco anos de ativa produção intelectual, tornou-se uma escritora de sucesso e benquista por seus pares. Neste sentido, elencarei alguns motivos para esta inserção.

Primeiro, cabe destacar o apoio familiar, sobretudo do pai, e do marido. O primeiro a iniciou na literatura e orientou-a na literatura portuguesa. Percebe-se, por meio dos escritos de Júlia Lopes, que esta, apreciava leituras como Camilo Castelo Branco, Júlio Diniz, Alexandre Herculano, Eça de Queirós, sendo este último, um marco para a autora, inclusive pela estrutura da narrativa e estilo dos romances e contos. Devido a esta ligação com a literatura portuguesa, utilizou em suas primeiras obras a linguagem lusitana; destaca-se que algumas destas foram noticiadas em Portugal, mas posteriormente as publicações se desprenderam deste país.

Já Filinto de Almeida, vinculado à intelectualidade do período, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, intelectual que também teve o posto de redator-chefe do jornal *O Estado de S. Paulo* e eleito deputado estadual na legislatura 1892-1894 também foi outra peça chave na formação literária de Júlia, como demonstrou o inquérito de João do Rio:

- Sabe o Sr. que é muito difícil responder ao seu inquérito? Tem tanta coisa! Começa logo com uma pergunta complexa a respeito de formação literária. Tive duas criaturas que fizeram, - meu pai e meu marido. Em solteira, meu pai dava-me livros portugueses, - o Camilo, o Júlio Diniz, Garrett, Herculano, Já publicara livros quando casei, e só depois de casada é que li, por conselho de meu marido, os modernos daquele tempo – Zola, Flaubert, Maupassant. (RIO, 1994, p. 34).

Em segundo, Júlia viveu no momento da criação de um gênero novo, o livro didático. Pertencente ao rol de escritores que objetivaram combater o analfabetismo e de formar a imagem de um Brasil parelho ao processo de modernização, a literata escreveu livros destinados à infância, tanto que um deles, *Contos Infantis* (1886), foi aprovado pela Inspetoria Geral da Instrução Primária e Secundária da Capital Federal para uso nas escolas.

Em terceiro, seus escritos compactuaram com o gênero folhetim, obras sentimentais e de grande emoção, as quais proporcionaram uma visibilidade maior para a autora perante o seu público leitor. Além disso, escreveu obras cujo binômio educação/instrução, fazia par aos ideais burgueses de ensino às mulheres e crianças, que também foram consonantes ao esforço imbuído de levar o Brasil ao *status* de país em processo de modernização. Obras como *A árvore* (1916) e *Jardim Florido* (1917),

destinadas às crianças, e *Livros das Noivas* (1896) e *Livro das Donas e Donzelas* (1906), dedicados às mulheres, são exemplos claros desta nova perspectiva.

Em quarto, pode-se perceber a relação bem consolidada entre Júlia Lopes de Almeida e a intelectualidade carioca. Como bem intitulou João do Rio, o “Lar de Artistas” era assiduamente frequentado pela elite literária, visto que Filinto de Almeida era um dos idealizadores da Academia Brasileira de Letras. Como exemplo, tem-se a comédia *O Dote* (1888), de Arthur Azevedo, cuja inspiração adveio de publicações de Júlia Lopes como “Reflexões de um Marido”, excertos recolhidos na imprensa, posteriormente publicados no compêndio *Eles e Elas: monólogos e diálogos*.⁵ Ainda como demonstração das boas relações de Júlia com a intelectualidade, no compêndio *Ânsia Eterna*, há os contos e os respectivos intelectuais a quem estes foram dedicados, sendo “Ânsia Eterna” a João Luso, “O Caso de Ruth” a Valentim de Magalhães, “A Rosa Branca” a Magalhães de Azeredo, “Os porcos”⁶ a Artur Azevedo, “E os cisnes?” a Batista Coelho, “Sob as estrelas” a Olavo Bilac, “A Casa dos Mortos” a Francisca Júlia da Silva, “A Caolha” a Eva Canel, “A Boa Lua” a Maria Clara da Cunha Santos e “A Alma das Flores” a Lúcio de Mendonça.

Neste sentido, pode-se concluir que o apoio familiar e marital, mais um enraizamento bem alicerçado entre os intelectuais, somado à colaboração em um gênero incipiente (Ex.: livro didático), acrescido da escrita de obras em formato romances-folhetins, adicionado ainda ao novo mercado editorial de livros e de revistas que descortinavam novos espaços para a produção e o ganho dos intelectuais, foram essenciais para que Júlia Lopes se inserisse na sociedade literária fluminense.

Cabe ainda aqui, indagar o porquê de a Semana de 22, não ter sido um acontecimento fundador para Júlia Lopes. O período que antecedeu o movimento de 1922,⁷ preocupou-se com a incorporação desenfreada da cultura europeia, a qual ditou regras e influenciou sobre a maioria dos intelectuais. Em outro diapasão, os intelectuais da

⁵ Os dados referentes à inspiração de Arthur Azevedo podem ser encontrados em: COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1989. p. 187.

⁶ Cabe destacar a homenagem recíproca entre escritores. Arthur inspira-se em “Reflexões de um marido” para escrever *O Dote* (1888) e Júlia Lopes dedica ao escritor de *O Bilontra* (1885) o conto “Os Porcos”.

⁷ Para uma melhor compreensão do fenômeno estudado CF. COSTRUBA, Deivid Aparecido. “CONSELHO ÀS MINHAS AMIGAS”: *Os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896-1910)*. Dissertação de Mestrado. Assis: UNESP, 2011.

Semana de Arte Moderna preocuparam-se e se direcionaram para a busca do passado, da tradição artística colonial e da herança indígena. Salvo exceções,⁸ Júlia Lopes influenciada sobretudo por autores portugueses e franceses etc., escreveu obras que fazia par aos produtos vindos da Europa, como os manuais de civilidade, romances-folhetins e a forma de escrita: estrutura da narrativa e estilo dos romances e contos, dos quais teve grande influência de Eça de Queirós. Deste modo, a escritora pertence aos intelectuais que antecederam ao movimento de 1922.

Por fim, mergulhada na rede de sociabilidade literária carioca, somada ao seu ecletismo, tanto na adequação dos conteúdos como na forma de escrita simples e de fácil entendimento, o seu sucesso pode ser também exemplificado como fato de ser a única mulher escritora a figurar nas entrevistas do *Momento Literário*. Méritos profissionais ou relação bem sólida do marido com a intelectualidade, e, conseqüentemente, com João do Rio? Não se pretende aqui resolver esta questão, mas cabe destacar que Júlia Lopes de Almeida se inseriu na trama de necessidades, vaidades e disputas pelo mercado editorial em crescente transformação. Segundo Sevcenko:

[...] a proximidade do governo federal, reformado e ampliado, oferecia inúmeras oportunidades adicionais aos letrados, desde os simples empregos burocráticos até aos cargos de representação, as comissões e delegações diplomáticas. Igualmente importantes eram as tutelas oferecidas pelo Estado a organizações culturais e institutos superiores e o mecenato declarado do Ministério das Relações Exteriores aos grandes expoentes das letras. O Rio de Janeiro oferecia pois um campo ímpar de atuação para os intelectuais em um país pobre e quase que totalmente analfabeto. Os cafés, confeitarias e livrarias da cidade pululavam de múltiplos conventículos literários privados, composto de confrarias vaidosas que se digladiavam continuamente pelos pasquins esporádicos da Rua do Ouvidor. (SEVCENKO, 2003, p. 128).

Até aqui se viu as estratégias de inserção da mulher/escritora Júlia Lopes de Almeida no cenário intelectual brasileiro de fins do século XIX e início do XX, a partir de agora, se verá como essas estratégias foram esmiuçadas nos seus compêndios *Livro das Noivas* (1896) e *Livro das Donas e Donzelas* (1906).

No primeiro livro, *Livro das Noivas* (1896), percebe-se que a escritora deu destaque à figura da mulher branca, escolarizada de classe média e/ou alta. Esta seria a peça chave na família oitocentista brasileira. Educada e instruída deveria cuidar da

⁸ Algumas obras infantis preocuparam-se com o passado brasileiro, caso da obra nacionalista *Histórias de nossa terra* (1907), ao mostrar textos patrióticos que exaltavam a beleza do Brasil e a pátria.

saúde e da higiene da família, ao mesmo tempo em que deveria acatar os desejos do marido. A limpeza no âmbito familiar foi ressaltada, sendo a roupa branca, sinônimo de pureza, inocência e *status* (LURIE, 1997, p.198), também alusiva à figura do médico, e conseqüentemente, da higiene, é notada por Júlia Lopes:

Uma gaveta denuncia fatalmente a dona; se ela for esmerada, lá terá dividido em rumas, de grandes ou pequenas dimensões, todos os objetos de uso. Seria intolerável surpreender a roupa branca no *pèle-mèle*⁹ em que as vezes descaem as fitas e as rendas com outras miudezas. Não; a roupa branca deve ter um lugar seu, onde deitemos de vez em quando um ramo de flores frescas. (ALMEIDA, 1905, p. 20).

Outra faceta deste primeiro compêndio é o incentivo a leitura. Seja na indicação ou na reprovação de romances, seja na exaltação ou no repúdio a certos escritores o manual teve um fim pedagógico. Em crônica intitulada “Os livros”, Júlia Lopes aderiu às teses que defendiam a formação e a instrução da mulher:

Os pais antigos proibiam a leitura às filhas, afirmando que os livros eram os piores inimigos da alma. Para livrarem então as pobres inocentes de, por qualquer casualidade, entrarem um dia em contato com tão perigosos conselheiros, faziam uma coisa que lá consigo julgavam muito acertada – não as ensinavam a ler! Era, evidentemente, o meio mais coercitivo. Hoje em dia o não saber ler é, felizmente, considerado uma vergonha, e não há uma pessoa que propositalmente condene os filhos a tamanha desgraça; agora o que ainda há são chefes de família que abominam os livros, ordenando às filhas que não toquem nunca em semelhante coisa. (ALMEIDA, 1905, p. 35).

Por fim, o compêndio de Júlia Lopes publicado em 1896 tornou explícita a sua posição em relação às mulheres. Estas, para serem modernas, deveriam ler para instruírem os seus filhos e para melhor contribuírem na organização doméstica, contudo, teriam a obrigação de suprirem as necessidades e os caprichos do marido. Assim, o empenho da mulher no lar, de uma maneira geral, tende a ser característica universal para aquelas que aspiram à felicidade. A responsabilidade da mulher circunscreve-se no prover bons cidadãos para a pátria, pois quando se é mãe, o exemplo é a dignidade, e quando se é esposa, a moral:

⁹ Palavra francesa que significa “de qualquer jeito”.

Não te resignes a ser em tua casa um objeto de luxo. A mulher não nasceu só para adorno, nasceu para a luta, para o amor e para o triunfo do mundo inteiro!

[...]

A felicidade humana deriva do que vive sob a nossa responsabilidade. É a nós, como mães, que a pátria suplica bons cidadãos; é de nós, quando esposas, que a sociedade exige maior exemplo de dignidade e moral. (ALMEIDA, 1905, p. 13).

Já no compêndio intitulado *Livro das Donas e Donzelas* (1906), prosseguiu no mesmo padrão, no que se refere à instrução feminina, ao possibilitar uma infinita gama de novos temas úteis, tanto para as mulheres que necessitavam de conselhos para a manutenção do lar, como para que as moças que precisavam conhecer os novos assuntos e notícias em relação à luta feminina, que já ocorria desde meados dos oitocentos. Portanto, não se centrou mais exclusivamente no âmbito doméstico e insistiu na educação feminina.

Júlia Lopes de Almeida, admiradora confessa de Edgar Quinet e Herbert Spencer, utilizou-se do pensamento destes dois autores para condenar a clausura das ordens religiosas femininas. Do primeiro, adaptou as ideias a respeito do ultramontanismo,¹⁰ D. Júlia acreditava que os conventos eram verdadeiros “túmulos”. Para exemplificar a sua posição, a escritora explicava sobre a evolução destas ordens religiosas:

Houve tempo em que o convento tinha, com todos os rigores, certos atrativos, como tudo que é forte e que domina. Tempos houve também em que ele era menos um lugar de reclusão que de galanteio; então bilhetes amorosos e versos dos torneios perpassavam por entre aquelas paredes severas, como revoadas das mariposas tontas; e havia freiras, como a freira Serafina, que, escrevendo a respeito da abadessa de Santo André, deixava transparecer a convicção de que não é o amor divino, mas o humano, a melhor e a maior preocupação de toda a gente, tanto de lá de dentro como de cá de fora. Dizem mesmo crônicas velhas e cronistas modernos que nem sempre os conventos foram santuários de castidade. Fossem lá o que fossem, a verdade é que tinham vida própria e o enorme prestígio que facilita e sugere os grandes devotamentos. Depois, a mulher não tinha outros destinos; ou ele ou o casamento. Hoje não é assim; o pulso paterno já não tem o poder de aferrolhar filhas insubmissas, e a poesia, que naqueles tempos o hábito pudesse ter, foi substituída no nosso tempo — por uma fúnebre ideia de mortalha. Hoje os conventos parecem túmulos. (ALMEIDA, 1906, pp. 18-19).

¹⁰ Segundo o dicionário Aurélio o “ultramontanismo” refere-se à doutrina e política dos católicos franceses (e outros) que buscavam inspiração e apoio além dos montes, os Alpes, isto é, na Cúria Romana. Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. Para entender o “ultramontanismo” em Edgar Quinet Cf. DE LUCA, Leonora. *Amazonas do pensamento: a gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp/IFCH, 2004. p.195.

Em outro diapasão, a segunda obra de Júlia Lopes de Almeida teve uma gama variada de temáticas. Uma destas foi o momento em que Júlia Lopes opinou a respeito dos jogos de azar. Apesar de não abordar a questão das rifas e loterias (leia-se jogos lícitos), e, sim, do jogo do bicho (leia-se jogo ilícito), José Luiz Villar Mella explicou que “a ameaça supostamente representada pelo jogo do bicho foi associada às epidemias. Reprimir o jogo do bicho era também combater uma epidemia de imoralidade, ou mais uma manifestação de patologia urbana”. (MELLA, 2003, p. 115).

Em crônica intitulada “Em Guarda”, Júlia Lopes de Almeida externou a sua reprovação à mania das rifas e das loterias:

Ah, o jogo! Por toda a parte se alastra a mania das rifas e das loterias; algumas casas mesmo do comércio especulam com a sua sedução. Há já sapatarias, alfaiatarias, casas de papel ou de jóias, que oferecem cupons sujeitos a uma fortuna de acaso, que habilita uma pessoa a alcançar, de graça, um terno novo, um par de botinas, ou meia dúzia de lápis. Ora, estes cupons e bilhetinhos de azar entram pelas portas e pelas janelas, como que trazidos pelo vento, e são sempre as mãos curiosas dos rapazinhos que primeiro os agarram, os reviram e os estudam!
Parece nada? Pois nessa insinuação manhosa de economia caseira está uma terrível ameaça de ruína. (ALMEIDA, 1906, pp. 56-57).

Ainda segundo José Mella, percebe-se que a repressão ao jogo mereceu uma especial atenção das autoridades desde os primórdios da República, sendo inscrita em um movimento mais amplo de patologização do crime. Esta postura, adotada sobretudo pelas autoridades policiais, expressou-se por meio da caracterização do hábito do jogo como um vício, ou como uma doença da alma. Destaca-se além disso, um aumento do número de casas e pontos de jogos, nos primeiros anos da República (MELLA, 2003, p. 115).

Mesmo que algumas casas permitissem somente jogos oficiais, a mania das rifas e das loterias, que se alastravam pelas casas de comércio, era objeto de preocupação para D. Júlia.

Por fim, embora haja uma discussão a respeito do feminismo em Júlia Lopes de Almeida, pode-se classificar a escritora como representante de um “feminismo esclarecido”,¹¹ cuja atuação seria um pouco mais moderada do que o movimento propriamente dito. Para Júlia Lopes:

¹¹ Segundo Magaldi, esta expressão foi usada em reportagem publicada na *Revista feminina*, em 1916,

O que ele (o tempo) impõe hodiernamente à mulher é o despreendimento dos preconceitos, a luta, sempre dolorosa, pela existência, o assalto às culminâncias em que os homens dominam e de onde a repelem. Mas, seja qual for a guerra que lhe façam, o feminismo vencerá, porque não nasceu da vaidade, mas da necessidade que obriga a triunfar. (ALMEIDA, 1906, pp. 72-73).

Ao se concluir esta pequena exposição, vem à baila a proposta inicial da comunicação, entender como as discussões de Leonora de Luca possibilitou novas reflexões sobre um “possível feminismo” de Júlia Lopes de Almeida. Para Leonora, foi “justamente graças às suas pouco agressivas intervenções que a escritora teve acesso garantido à grande massa de leitores distribuídos pelos mais diferentes extratos sociais” (LEONORA, 1999, p. 298). Deste modo, era de se esperar que os conselhos dados pela escritora nestes manuais, não negassem o papel que a sociedade lhes incumbira, a de esposa dedicada ao marido, às crianças e aos afazeres domésticos, ou seja, a mulher representante da regeneração da sociedade. Mais do que isso, ela interiorizou tais argumentos e reivindicou, a todo custo, a instrução feminina para que tal função fosse desenvolvida da melhor maneira possível, posicionando-se assim, nas fímbrias do feminismo propriamente dito.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Júlia Lopes. *Livro das noivas*. 2ªed. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia, 1905

_____. *Livro das donas e donzellas*. (coletâneas de crônicas). Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia, 1906.

BRAZIL, Érico Vital; SCHUMAHER, Schuma. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000.

sobre a fundação da Associação da Mulher Brasileira – da qual Júlia Lopes foi uma das integrantes desde o início – na qualificação do tipo de feminismo expressado por esta organização. Há também estudos, a exemplo do de Leonora de Luca, que acreditam num “possível feminismo de Júlia Lopes de Almeida”. Cf. MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Lições de casa: Discursos Pedagógicos destinados à família no Brasil*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2001. p. 39 e DE LUCA, Leonora. O ‘feminismo possível’ de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). *Cadernos Pagu*. Campinas, vol.12, p. 275-299, 1999.

DE LUCA, Leonora. *Amazonas do pensamento: a gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp/IFCH, 2004.

COUTINHO. Afrânio; SOUZA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1989.

COSTA, Luiz Antônio Severino da (org.). *Brasil 1900-1910*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1980.

_____, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

DE LUCA, Leonora. *Amazonas do pensamento: a gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp/IFCH, 2004.

_____. *“A Mensageira”*: uma revista de mulheres escritoras na modernização Brasileira. Campinas, SP: [s.n.], 1999 vol.1 e 2.

_____. O ‘feminismo possível’ de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). *Cadernos Pagu*. Campinas, vol.12, p. 275-299, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GRIECO, Agripino. Contistas maiores e menores. IN: _____. *Evolução da prosa brasileira*. São Paulo: José Olympio, 1947. v.3.

LURIE, Alison. *A linguagem das roupas*. RJ: Rocco, 1997.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Assim falou D. Júlia. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, nº38, p.82-85, 2008.

_____. *Lições de casa: Discursos Pedagógicos destinados à família no Brasil*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2001.

MELLA, José Luiz Villar. Temporalidade e identidade. O jogo do bicho no Rio de Pereira Passos. *Revista Rio de Janeiro*, n.10, maio-ago. 2003. p. 115.

MOREIRA, Nadilza M. B. *A condição feminina em Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. Tese de doutorado. São José do Rio Preto: Unesp/Ibilce, 1998.

_____. *A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2003.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEVES, Margarida de Souza. “Os cenários da república. O Brasil na virada do século XIX para o século XX”. IN: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente: Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Vol. 01. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Depto. Nacional do Livro, 1994.

_____. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VERÍSSIMO, José. Um romance da vida fluminense. IN: _____. *Estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.

_____. *Letras e literatos*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro e Maurillo, 1919.